

MULHERES EM MOVIMENTO:

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BURITI DO
MEIO NO NORTE DE MINAS GERAIS/BRASIL**

**Women in movement: Gender relations in quilombola community Buriti do Meio
on the North of Minas Gerais/Brazil**

AGUIAR, Wanderleide Berto¹

SILVEIRA, Ludiana Martins²

FERREIRA, Maria da Luz Alves³

IDE, Maria Helena Souza⁴

RESUMO: Mulheres e homens se entrelaçam em suas relações se constroem mútua e diferenciadamente no manuseio do barro, nas lutas políticas e no cotidiano da vida no Quilombo de Buriti do Meio. Este trabalho tem por intuito fazer uma reflexão, etnograficamente das relações de gênero que articulam mulheres e homens na comunidade negra rural Buriti do Meio, dentro no município de São Francisco no Nortede Minas Gerais/Brasil. Procuramos compreender os significados e as representações construídas sobre as feminilidades e as masculinidades nas relações que mulheres e homens estabelecem entre si no manuseio do artesanato, na luta política pela afirmação da coletividade como remanescente de quilombo e para acesso aos direitos daí derivados e no cotidiano da vida em que juntos estruturam e organizam a vida de todos seus membros, refletindo em sua ordem simbólica. Buriti do Meio é tradicionalmente conhecida pelo seu artesanato e, também, pelas manifestações culturais legadas por seus ancestrais, antigos escravos que fugiram em busca de liberdade e autonomia, que exprimem traços de uma cultura afrobrasileira inserida no espaço civilizacional da bacia do rio São Francisco.

Palavras-chave: **Relações de gênero, Artesanato, Quilombo**

ABSTRACT: In a civilisation space of São Francisco basin river. Women and men interlace on their relations building mutual and each one on your way in handling of the clay in politics fights and in life daily of Buriti do Meio Quilombo. The objective of this study was to do a ethnographically reflection of gender relations that link men and women in the black rural community Buriti do Meio in São Francisco municipal district on the North of Minas Gerais/Brazil. We tried to understand the meanings and the composed representations on the feminineness and the masculine ways in relation that men and women set up among themselves in handling workmanship for the information in politics fight of community group as quilombo remaining and to rights access derived and everyday life where they build and organize together

¹Mestranda em Desenvolvimento Social no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/BRASIL. E-mail: wandyberto@yahoo.com.br

²Mestranda em Desenvolvimento Social no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/BRASIL. E-mail: ludiana_martins@hotmail.com

³Doutorado em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor Titular da Universidade Estadual de Montes Claros - E-mail: mariadaluz@oi.com.br

⁴Doutorado em Educação pelo Georg August UniversitätGöttingen - Trabalha na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. E-mail: mhelenaide@hotmail.com

the life of all their members reflecting in his symbolic order. Buriti do Meio is traditional known for its handcraft and for cultural manifestations, legacy of their ancestral, olds slaves that ran way to look for autonomy and freedom express signs of afrobrazilian culture inserted on the civilization space in São Francisco basin river.

Keywords: Gender relation, Handcraft, Quilombo.

INTRODUÇÃO

O movimento feminista ocorrido no Brasil trouxe nas suas várias formas lutas por direitos que até meados da década de 80 as mulheres lutavam por uma série de reivindicações, dentre muitas a desigualdade no mercado de trabalho. O impacto político que este movimento causou a partir dessa conjuntura passou a ser consistentemente um dos movimentos mais respeitados no plano internacional. Neste aspecto, as lutas das mulheres ganhou visibilidade e, sobretudo espaço nos movimentos sociais no país e com melhor performance, por estar imbuído de questões como: direitos civis, liberdade política e melhoria de condições de vida. A partir da Constituição de 1.988 com novos projetos políticos, esse movimento adquire força em decorrência dos surgimentos dos encaminhamentos da Constituição Federal que resultou na contemplação cerca de 80% das propostas. Resultados estes que cedeu um lugar de status jurídico para as mulheres brasileiras, tendo como efeito desta assertiva, a destituição do pátrio poder na sociedade brasileira.

Nesta perspectiva, a luta histórica das mulheres tendo como foco central o princípio da igualdade de gênero, desenvolveu uma busca constante contra a discriminação e, sobretudo a violência doméstica e sexual que teve um princípio norteador a quebra de paradigma das questões ligada do que é público e privado. Diante disso, as desigualdades sofridas pelas mulheres no campo do poder põem em cheque aspectos direcionados aos direitos salariais iguais as dos homens, mesmo com as reivindicações ainda na contemporaneidade as mulheres continuam tendo suas remunerações diferenciadas as do sexo masculino.

A forma como o movimento feminista no Brasil se pautou deu lugar de destaque quanto as suas lutas políticas em busca de direitos, que até então não era vista como fonte de preocupação do sistema social. O movimento articulado pelas mulheres propõe um projeto que visa à ampliação de direitos e coloca como objetivo a abolição, e concomitante a isso, uma transformação séria no tocante ao sistema patriarcal que tem seu poder que regula de forma severa a vida de todas as mulheres, seja ela branca ou

negra. Diante dessa problemática, as reivindicações que marcam as lutas das mulheres têm um princípio norteador, o direito da igualdade, da equidade e de justiça social, são princípios primordiais ao cidadão portador de direitos, que foram e continuam sendo negados às mulheres.

Ao politizar a desigualdade de gênero, o movimento feminista contribui para que as mulheres tornem novos sujeitos políticos, colocando como destaque as mulheres negras que passaram a buscar no interior do movimento feminista no âmbito da sociedade brasileira a assinalar, não somente a identidade das mulheres branca e ocidental, como também tornar visível que o movimento dentro dos seus eixos, suas questões não foram suficientes quanto aos aspectos teóricos e práticas políticas que mesclasse as distintas expressões do feminismo engendrada em uma sociedade multirraciais e, sobretudo pluriculturais. Conforme Carneiro (2001) é diante dessa conjuntura que esse processo reivindicatório das mulheres negras tem sua emancipação, na busca de igualdade de direitos que por sua vez ganha força e abre novos caminhos e desafios na luta por direitos estabelecidos constitucionalmente.

Os elementos que demarcam a identidade e diferença das mulheres negras foram visto por Silva (2000), como sendo um dos mecanismos que as colocam na ordem de lutas bem diferentes das lutas fomentadas pelas mulheres brancas. De acordo com Caldwell (2000), o feminismo no Brasil, a forma como ele tem concebido precisa ser discutido com novas perspectivas, pois as demandas não abarcam questões raciais, já que temos uma história marcada pelo racismo e, além disso, pelo preconceito.

Por estas questões e dentre outras ligadas às reivindicações constantes das mulheres negras em geral, que focalizo as mulheres negras da comunidade Buriti do Meio, com objetivo de fazer uma leitura das relações de gênero, e, além disso, demonstrar como essas mulheres conseguiram vislumbrar melhores condições de vida para todos seus entes queridos por via da imersão no campo político. E também tornar visível quanto à construção de gênero no interior das suas relações.

Partindo desta especificidade, o conhecimento acerca da temática faz-se relevante por contribuir para acadêmicos, governantes e sociedade enriquecerem ainda mais o seu saber sobre as tradições, as artes, um espaço de preservação da cultura quilombola remanescente. É nesta imersão sociocultural que se faz presente a potencialidade feminina, destacando os relatos da mulher quilombola no processo de organização e construção da sua identidade não somente dentro do seu grupo de

convivência, mas para além, para o reconhecimento do seu papel por toda sociedade brasileira.

A metodologia usada que possibilitou a realização deste trabalho teve como ponto principal a junção da teoria social com a observação participante. A partir dos diálogos com os clássicos da antropologia articulados a muitos outros autores que contribuem para o aprofundamento da compreensão da pesquisa, pode-se construir uma leitura sobre a realidade social de Buriti do Meio, focalizando as relações entre mulheres e homens nos afazeres cotidianos, na produção de cerâmica e na luta política pelo acesso a direitos específicos por serem reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares como uma comunidade remanescente de quilombo, como disposto no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Considera-se que a observação participante é um método utilizado para coletar dados que propiciem a construção de compreensões sobre questões sociais e culturais, ou, dependendo do pesquisador de outra área da vida humana. Exige do investigador enquanto pessoa, um compartilhamento, ou seja, o observador não só observa como também, se envolve com o grupo observado, pressupondo assim uma interação entre os sujeitos em relação de pesquisa (VALLADARES, 2007).

De outra forma, Godoy (1995) considera que o trabalho de campo é o elemento mais característico da pesquisa etnográfica no qual o pesquisador deve ter uma experiência direta e intensa com a situação em estudo, visando à compreensão das regras, costumes e convenções que orientam a vida do grupo sob observação.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA DA COMUNIDADE BURITI DO MEIO

Buriti do Meio é tradicionalmente conhecida pelo seu artesanato e, também, pelas manifestações culturais legadas por seus ancestrais, antigos escravos que fugiram em busca de liberdade e autonomia, que exprimem traços de uma cultura afrobrasileira inserida no espaço civilizacional da bacia do rio São Francisco. A coletividade é composta por cento e oitenta famílias que se articulam nos grupos locais Buriti do Meio, chamado internamente de Centro, Querosene, Umbu Cabeludo e Caiçara com acesso à energia elétrica, a sistema simplificado de abastecimento de água e escola de ensino fundamental e médio. A coletividade é servida por uma linha regular de transporte das pessoas até a cidade de São Francisco, a que estão vinculadas político-administrativamente.

No entorno de Buriti do Meio situam-se três cidades de porte médio que têm importância significativa para os quilombolas, dado que as principais relações vividas fora da coletividade, sejam sociais, econômicas, religiosas e culturais. A principal entre elas é São Francisco, sede do município a que Buriti do Meio pertence, em seguida, por ordem de importância, Brasília de Minas e Luislândia. A economia dessas cidades tem como base a pecuária com criação de rebanhos bovinos, suínos e aves e a agricultura, tanto comercial, dado a existência de empresas de agronegócio, como a de autoabastecimento. Essas duas atividades econômicas apresentam-se como fatores de suma importância para o desenvolvimento desses municípios.

As três cidades possuem uma infraestrutura básica como agência bancária, hospitais, escolas, comércio que atende às demandas dos seus munícipes, e serviços coletivos como abastecimento de água e esgoto, energia elétrica, telefonia, transporte interno ligando as povoações com as sedes municipais e as cidades com outras cidades, como Montes Claros, Belo Horizonte, Brasília, Chapada Gaúcha e etc. Essa infraestrutura viabiliza melhores condições básicas para todos os habitantes de seus municípios.

Os quilombolas de Buriti do Meio se organizam em uma associação comunitária que possui sede própria e são assistidos pelo serviço de saúde municipal por estarem vinculados ao Programa de Saúde da Família, com a presença de médicos, dentistas, nutricionistas, psicólogos, enfermeiras, assistente social e atendentes locais de saúde que utilizam um mini posto de saúde, chamado por todos como ponto de apoio.

Em Buriti do Meio há uma estrutura produtiva vinculada ao artesanato construída pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE⁵ composta de quatro galpões, sendo três para o manuseio do barro e a confecção de cerâmicas e um para armazenamento do artesanato. Existe um veículo basculante para transporte da cerâmica produzida para outras localidades onde são comercializadas em feiras e eventos onde seja demandada a participação do artesanato local. E, ainda, dois tratores utilizados para transporte do barro retirado no interior do próprio território, da lenha necessária à queima da cerâmica, sendo deslocado para as áreas agrícolas no período de preparação da terra para o cultivo de grãos. Dado que o sistema produtivo local articula agricultura.

⁵ O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada sem fins lucrativos. É um agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, criado para dar apoio aos pequenos negócios de todo o país. Desde 1972, trabalha para estimular o empreendedorismo e possibilitar a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos de micro e pequeno porte.

REFLEXOS HISTÓRICOS DAS CONDIÇÕES DOS NEGROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A forma como a condição negra está imersa dentro das relações sociais, para Fernandes (1978), por si só é um ato de violência simbólica, onde a cor da pele tornou algo determinante na estrutura social. Em seus estudos afirma que,

a “cor” continua a operar como marca racial e como símbolo de posição social, indicando simultaneamente “raça dependente” e “condição social inferior”. Além disso, a “população de cor”, em sua quase totalidade, não possui elementos para livrar-se dessa confusão, vexatória e nociva ao mesmo tempo. O próprio “negro que sobe” – entidade privilegiada dessa população – tem de travar uma luta heróica, ininterrupta e inglória para desfrutar, pessoalmente, parcelas mínimas das prerrogativas polarizadas em torno de suas posições sociais (FERNANDES, 1978, p, 337).

Conforme sua análise, dizer que não existe preconceito contra a população negra no Brasil é uma balela, esta precisa argumentação foi acompanhada por outros estudiosos da questão nacional, como por Da Matta (1981), para quem,

(...) “negar o preconceito de cor no Brasil é negar as cores da bandeira nacional”. Em resumo, o “negro” se viu comprimido, numa situação histórico-social de existência sufocante, por um padrão de manifestação de “preconceito de cor” que operava, por si mesmo, como uma espécie de areia movediça, e por mecanismos tortuosos de reação societária ao desmascaramento da ideologia racial dominante. Não se configuraram saídas fáceis de construtivas para o uso produtivo das formas de percepção e de consciência do “preconceito de cor”, com as quais uma minoria “racial” impotente e desarticulada pôs em cheque os fundamentos da “democracia racial Brasileira” (DA MATTA, 1981, p. 63).

A existência do mito da democracia racial propiciou engendrar umas das formas mais perversas do racismo no mundo, o racismo contra a população de cor no Brasil, o racismo velado, não discutido, não reconhecido e nem enfrentado. Autores como Da Matta (1981), trazem uma importante contribuição para a compreensão da questão, como em sua fábula das três raças onde expõe a existência de uma ideologia dominante hierarquizadora das relações raciais. Essa ideologia tem alicerce no discurso religiosocomo informado pelo mesmo autor, e os conceitos que a operam tem

interferido profundamente e gerado preconceitos contra negros, mestiços e índios, e acima de tudo permitindo a dominação de uma classe sobre a outra. Para ele,

o que parece ter ocorrido no caso brasileiro foi uma junção ideológica entre um sistema hierarquizado real, concreto e historicamente dado e a sua legitimação ideológica num plano muito profundo. Observo que as hierarquias sociais do <<antigo regime>>, isto é, o regime anterior à Revolução Francesa, eram ideologicamente fundadas nas leis de Deus e da Igreja. Era o fato de Deus ter armado uma pirâmide social com os nobres lá em cima e em o Imperador e o Papa legitimando seus poderes no plano temporal e espiritual que respondia às questões neste sistema. No caso brasileiro, a justificativa fundada na Igreja e num Catolicismo formalista, que chegou aqui com a colonização portuguesa, foi o que deu direito à exploração da terra e à escravização de índios e negros (DA MATTA, 1981, p.59).

A argumentação deste autor propicia compreender o estabelecimento de um sistema de hierarquização racial no Brasil, onde o branco encontra-se situado no nível superior e o negro em posição inferior. Assim, a inferioridade racial dos negros e mestiços é fato posto na realidade brasileira e isso pode ser visto no momento atual, pelos trabalhos exercidos pelos negros que ainda continuam a ocupar posições secundárias no meio societário, podendo destacar quanto este aspecto, os trabalhos braçais, fonte de remuneração de grande contingente negro.

A teoria da superioridade racial, gerada durante o século XVII, tem suas raízes de sustentação nos comportamentos e atitudes praticadas ao longo dos mais de trezentos anos de escravidão, que contribuíram para a consolidação e a manutenção de uma psicologia social racista e preconceituosa, não assumida pela sociedade brasileira. Aqui vivemos um tipo de “racismo disfarçado” no cotidiano da vida nacional. Esse tipo de racismo afirma a superioridade do padrão europeu de sabedoria, inteligência, beleza, entre outros, mantendo vivas as características da hierarquização social do período colonial.

Há um paradoxo na situação dos negros no Brasil. Valores da cultura africana ou aqui construídos pelos negros foram elevados à condição de ícones de nossa nacionalidade. Mas a situação das gentes negras tem sido negada pela sociedade brasileira, dada as péssimas condições de vida nas periferias urbanas e nas comunidades rurais onde se situam. A rejeição dessa gente de cor configura-se na própria negação do racismo dentro das relações sociais. Saímos de uma sociedade extremamente hierarquizada entre senhor e escravo para uma sociedade nos moldes capitalista regida

pela concorrência e pela competição exacerbada. Mas a hierarquização racial construída no período escravista permanece vigente, lançando o negro em desvantagem frente ao branco sendo sempre preterida a possibilidade de uma igualdade racial entre os dois.

Sendo o foco principal deste trabalho as relações de gênero dos negros de Buriti do Meio vê-se que, os mesmos engendram nos seus próprios saberes e costumes as posições diferenciadas de homens e mulheres no cotidiano de sua organização social. Como em qualquer grupo social, seja urbano ou rural, as relações de gênero são articuladas por meio de uma hierarquização que demarca os papéis de homens e mulheres.

A categoria de gênero tem sido a conceituação fundamental em debate sobre a articulação das relações sociais entre mulheres e homens, dado que permite entender como os sujeitos sociais se organizam cotidianamente por meio de ações que tomam uma ampla dimensão dentro dos sistemas de símbolos culturais a que se encontrem vinculados. Ao longo da história homens e mulheres têm sido posicionados socialmente de forma distintas no mundo. A distinção existente é atravessada por relações de poder que coloca o homem, durante toda a história, na dominância das relações de homens e mulheres e vincula esta a uma posição de subordinação.

A focalização na questão de gênero emerge pelo manuseio de um estudo realizado sobre a lógica do trabalho na terra por Woortmann e Woortmann (1997), que focalizam a existência de uma hierarquização entre homens e mulheres no universo camponês no tocante ao saber produtivo. Para estes autores, na hierarquia existente no interior da família como unidade produtiva, o pai de família (no plano público) governa a família porque governa a produção; governa o processo de trabalho porque “domina” o saber. O saber “técnico” é, portanto, fundamental para a reprodução da estrutura social da família camponesa.

Tendo Buriti do Meio como *locus* da pesquisa procurou-se por um lado, verificar como as relações de gênero são estabelecidas na construção dos artesanatos dentro da comunidade, e por outro lado, como ocorre a organização de ambos os gêneros no processo de luta política para o acesso aos direitos como remanescentes de quilombos. Salienta-se que, as mulheres constituem-se no elemento que simbolicamente informa a esta coletividade para o mundo circunvizinho, é no trabalho artesanal, na luta cotidiana para a criação dos filhos e para o acesso aos direitos étnicos que elas se apresentam como o significante por meio do qual os significados de Buriti do Meio são

construídos. Assim, as mulheres são os agentes primordiais da reprodução simbólica desta coletividade.

Procurou-se, ainda, compreender as regras que são instituídas ao fabricar os artesanatos que fundamentam a distribuição de papéis e, por fim, a simbologia do artesanato para os nativos da comunidade, por meio do qual a vida local e os papéis de gênero são construídos intra e intercoletividade.

MOVIMENTO POLÍTICO DAS MULHERES QUILOMBOLAS: PASSADO X PRESENTE

Contraopondo as duas realidades, passado e presente da comunidade ela se expressa de forma bastante diferenciada, enquanto havia uma resignação frente a um passado pautado em dificuldades, nos tempos atuais a conquista de outra condição vinculada às mudanças ocorridas de forma ampla na sociedade nacional e nas condições internas da comunidade. Adentrar Buriti do Meio é visualizar as diferenças ocorridas pela conquista de investimentos que contribuíram para o desenvolvimento da comunidade e para a melhoria na qualidade de vida da população. Nesse sentido, o esforço por melhores condições de vida, decorre do engajamento na luta política dos habitantes da comunidade ao tomarem conhecimento dos direitos específicos que, como descendentes de quilombos, emergiram no passado recente na historicidade brasileira a partir da Constituição de 1.988.

Se no passado a coletividade teve a atuação dos homens como o mecanismo de fundação do *mundus* social local, no presente, é pela atuação das mulheres que esse *mundus* se transforma para propiciar vivenciar o que é ser cidadão pleno no Brasil. E não mais excluídos, discriminados, estigmatizados e explorados das gerações passadas. Posso dizer que no passado, no tocante à agência política desta coletividade, os homens tiveram atuação crucial, mas na contemporaneidade são as mulheres que têm impulsionado a vida para se aproximar no vivido pela população mundial.

É modelando o barro que essas mulheres modelam as suas ações, tanto no desenvolvimento político, como também na estrutura social da coletividade. Por isso, a questão do gênero apresenta-se como uma chave propícia à averiguação das regras de sociabilidade, que não são necessariamente universais, dado que cada grupo social possui uma forma particular de conceber suas relações e interações, como dito por Strathern (2006), que afirma que a lógica e a simbólica construídas pelos melanésios,

não são consoantes à lógica e a simbologia da sociedade ocidental. A orientação da compreensão de mundo e do estilo de vida vivenciado pelos membros dessa sociedade e de outras, como Buriti do Meio, é de outra natureza.

Vejo que a visão da mulher submissa ao homem, com aptidões específicas a serem vividas no interior do lar, não se verifica em Buriti do Meio, em decorrência do reposicionamento histórico ocorrido na agência feminina e masculina na dinâmica da vida social da comunidade. O desenvolvimento de estratégias, tendo as mulheres como os agentes cruciais da produção e reprodução material de cada indivíduo, de cada família e da coletividade como um todo, por meio da articulação feminina dentro e fora da organização social da comunidade, propiciou a emergência de uma outra concepção de mulher e de homem nas relações e interações vividas.

A distinção entre os sexos na visão dessas mulheres não respalda o que é tarefa de homem e de mulher, mas a diferenciação está ancorada no comportamento diferenciado e no modo de vestir que delimitam a ação feminina e a ação masculina. A arte de produzir cerâmica é uma tradição predominantemente feminina, que tem passado de geração em geração, embora a arte de manuseio do barro seja praticada por poucas mulheres da comunidade. Como prática produtiva e reprodutiva da vida material dos membros da comunidade, o manuseio do barro constitui-se fator determinante para organizar diferenciação desse grupo social com outros grupos sociais que os circundam. Nessa perspectiva, posso dizer que esta diferenciação pode ser lida como uma diferenciação étnica, na perspectiva de Barth (1969).

Na área municipal, Buriti do Meio é uma comunidade vinculada ao artesanato de barro, cuja produção demarca no tempo e no espaço as relações de gênero vividas por suas mulheres e seus homens. É no processo de preparação dos artefatos, que a competência das ceramistas emerge de forma dominante para a produção dos objetos de barro, mas as relações de gênero aí vinculadas perpassam outras esferas da dinâmica social desse grupo quilombola, sejam públicas ou privadas. Através da arte do barro é possível ler a herança cultural legada desde o passado através das mãos femininas, que sempre contribuiu para demarcação dos papéis de homens e mulheres na organização da vida social da comunidade. Apoiados na divisão social do trabalho, tais papéis vinculam-se às concepções e práticas sobre gênero que se revelam como metáforascujos conteúdos informam a diferenciação interna ao termo sexo.

A partir do acesso a novas perspectivas de vida para garantir a produção e reprodução da vida dos quilombolas de sua comunidade, as mulheres começaram a agir

como os círculos nascidos de uma pedra jogada em um espelho de água parada crescem aos poucos até atingir limites impensáveis. Se o lugar inicial era o da produção do artesanato de barro e do espaço doméstico, a ação do grupo feminino adquiriu visibilidade na área política municipal, regional, estadual e incipientemente, no espaço federal. Frequentemente as mulheres deixam seus lares, maridos, filhos, para buscarem recursos para ampliar as possibilidades do desenvolvimento econômico local e, sobretudo, terem mais acesso a uma educação e saúde de qualidade.

Dizer que essas mulheres não sofreram qualquer desconforto perante os seus maridos ou das outras mulheres de Buriti do Meio quanto as suas disposições para atuarem fora da comunidade seria negar a ordem dos acontecimentos. Se assim o fizessem, elas estariam negligenciando o papel crucial na produção e reprodução material da família que emergiu na realidade social de cada grupo doméstico e da coletividade como um todo. O desconforto vivido não foi bastante e nem motivo suficientemente para que desistissem dos objetivos que impuseram a si mesmas quando saíram da esfera doméstica para a esfera pública.

Se o início de suas andanças começou em São Francisco, sede municipal, aos poucos foi se ampliando para outros espaços, para além da circunvizinhança da comunidade. Aos poucos essas mulheres se articularam e destacaram no interior da coletividade, o que as levou a ocupar um novo posicionamento na organização frente às questões política e social da comunidade. Por isso, a figura feminina no engajamento político tem contribuído para o fortalecimento das tomadas de decisões não só políticas, mas também no que se relaciona à autonomia dessas mulheres no controle da própria vida, seja ela econômica, social, individual ou sentimental. Essa autonomia das mulheres replica-se na simbologia que a comunidade quilombola passou a deter para além de si mesma.

A integração da figura feminina imbricada ao contexto político tem raízes históricas dado o artesanato ter sido o veículo para a ascensão das mulheres do Buriti do Meio no novo universo que se descortinou para elas e para a coletividade com a modernização da economia brasileira, com a expropriação territorial vivida, com a modernização das relações de trabalho e com a migração sazonal dos seus maridos e filhos mais velhos em busca de trabalho. Na concepção dessas mulheres, o artesanato de barro lhes ensinou muito.

Essa posição sustentada pela figura feminina na comunidade requer um olhar para as questões relacionadas ao feminismo emergido dentro da comunidade, a maneira

com que vem ocorrendo esse feminismo dentro desse grupo envolve uma tríade de questões como raça, cor e gênero. O imbricamento dessas três questões constituiu um grande desafio que exigiu dedicação permanente para a conquista de alguns direitos étnicos fundamentais que propiciou a transformação dentro de uma década, e o empenho da figura feminina nesse contexto foi primordial para a obtenção de benefícios de políticas públicas.

A comunidade enfrentou um longo processo de reconhecimento como um grupo de origem africana com as mulheres na direção das negociações. Foram longas viagens, de idas e vindas com muitas apresentações culturais, sendo a dança, a culinária e o próprio artesanato apresentados como tradição cultural da coletividade. Esse ir e vir teceu, para a identificação do grupo quilombola, uma dimensão simbólica pelo vínculo do mesmo às raízes africanas. O artesanato foi usado como veículo de identidade e como estratégia política para angariar recursos do Estado, mas vai além, ele dá visibilidade à comunidade enquanto grupo quilombola. Destacando-se como signo identitário de sua materialidade primeira, de manter viva a coletividade e, por consequência, a história dos seus antepassados.

Nas apresentações em eventos externos, políticos ou não, há uma separação dos quilombolas em grupos de homens e de mulheres, replicando as distinções de gênero a que se vincula o espaço de atuação de cada grupo, ainda que estejam realizando uma atividade coletiva. É do costume cultural as mulheres dançarem e os homens tocarem, mas as mulheres realizam as atividades masculinas caso os homens não participem. A ação política dessas mulheres da comunidade Buriti do Meio tem agregado novos valores sociais, culturais e políticos que decorrem da inserção das mesmas em um novo campo do saber. Neste novo domínio da vida social, as mulheres se construíram como as principais interlocutoras da comunidade quilombola no processo de luta política.

Veja que desta forma, a movimentação das mulheres reconfigurou as relações de gênero. Em Buriti do Meio, as mudanças ocorridas na estrutura organizacional pela efetiva participação das mulheres impactaram a vida local, com a emergência de novas posições, distintas das vividas até então, entre homens e mulheres. Estas saíram do seio doméstico para a tomada de decisões na organização política da comunidade que redundassem em acesso a benefícios públicos capazes de melhorar a condição de vida de cada quilombola, homem ou mulher, velho ou criança.

O novo posicionamento da mulher na relação social vivida internamente na divisão sexual do trabalho foi replicado na esfera política interna em que as mulheres detêm o domínio das questões domésticas e no domínio público, quando se apresentaram frente ao aparelhamento estatal como os agentes da vida social de Buriti do Meio. Os homens passaram, no âmbito desse contexto, a atores coadjuvantes, ou melhor, nas ações domésticas e políticas, privadas ou públicas, exercem uma função de complementaridade.

Pensando na atuação do feminismo, especificamente nas mulheres do Buriti do Meio, vale compreender a perspectiva adotada por Strathern (2006). Para esta autoras debates feministas as mulheres em toda parte do mundo ocupam posições de cunho comparativo, no entanto essas mulheres por vezes são oprimidas pelo fato da sua condição ser mantida dentro de uma prática intelectual que sustenta uma diferenciação das posições. Note-se que, apesar das posições assumidas pelas mulheres em Buriti do Meio, tanto no espaço doméstico quanto no público, ocorre um enfrentamento, que se dá no campo simbólico, em que os homens procuram submeter suas mulheres aos seus domínios e desta forma controlá-las. Entretanto, essas mulheres quilombolas transitam em dualidades, frente aos seus homens, mantêm-se submissas, como forma de manter a relação sem conflitos, mas agem em conformidade o papel central que ocuparam na vida da coletividade.

No meu olhar, a tríplice jornada de ocupação das mulheres no tocante a educação dos filhos, organização da produção e há pouco tempo a efetiva participação política se caracteriza como uma tarefa a mais no cotidiano das mulheres. Esse novo posicionamento tem sido percebido pelos homens quando tem ferida a sua identidade de homem. Não é ponto pacífico de que eles são homens, masculinos, machos, como dito por Almeida (1995) os homens são interpelados a todo o momento e necessitam provar a sua masculinidade. Como não existe característica dada, a masculinidade precisa sempre estar sendo constituída e sendo confirmada, ao contrário das mulheres onde, a essência da sua feminilidade é tida como permanente, pela condição “natural” confirmada e reafirmada pelo fato da gravidez e do parto. A manutenção das mulheres na tríplice jornada foram pontos primordiais para a organização social e estrutural da comunidade de Buriti do Meio, essa nova relação como já mencionei anteriormente redefiniu as relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo teve como foco de discussão as relações de gênero em que houve mudanças na dinâmica social do grupo negro de Buriti do Meio. Reforço aqui a importância que a pesquisa etnográfica teve para a realização desse estudo, pois me propiciou articular os dados de campo com as discussões teóricas da Antropologia sobre gênero e outras pontuações imprescindíveis na compreensão desta categoria. O foco dado à pesquisa centrou-se no universo das relações sociais dentro da comunidade Buriti do Meio, articulando esta relação de gênero com a produção do artesanato.

Como apontado no decorrer deste trabalho as leituras realizadas sobre gênero instigaram-me a buscar nos estudos teóricos desta temática as explicações plausíveis que me permitiram mostrar ao leitor como as relações de gênero norteiam a vida cotidiana dessa coletividade. A dedicação aos estudos de gênero possibilitou percorrer caminhos em busca de novas referências e com isso muitas perguntas e indagações foram surgindo no decorrer do processo de pesquisa, o que foi fundamental, visto que constatei que as mulheres de Buriti do Meio não só modelam os artefatos de barro, como também modelam a vida política e social da coletividade.

Logo nesta coletividade pode-se observar que as mulheres de Buriti do Meio estão intensamente envolvidas na organização comunitária, tanto é que na luta pelo reconhecimento como remanescente de quilombo foram elas que encabeçaram todo o processo para a obtenção da titulação reconhecida pela Fundação Cultural Palmares. Assim, a ação feminina na coletividade tem deixado marcas visivelmente importantes na construção dos papéis de gênero. Desde a produção dos artesanatos à luta política, essas mulheres mantêm o domínio por elas conquistado a partir do vazio deixado pelos homens da comunidade em decorrência da migração sazonal ao longo do ano.

Chamo atenção para a questão do gênero nesta comunidade específica porque ela tem sido um dos principais elementos que norteiam as relações sociais hodiernamente. Ele se expressa em todo o contexto da vida diária do grupo, onde pude constatar que a categoria de gênero não está orientada a partir dos conceitos construídos pela ordem ocidental nem pela ordem natural, cujo princípio ideológico difundido é marcado por uma estrutura social que predomina emaranhados aspectos ligados ao sistema cultural centrado no discurso absoluto da biologia vinculada ao macho. Neste sentido, no interior da esfera comunitária do Buriti do Meio, a agência feminina na coletividade expõe de forma clara a inversão de papéis, próprio do seu sistema cultural.

Como apontado ao longo deste artigo, no que diz respeito à dimensão da organização interna, todos os fatores apontam para a efetiva participação da figura

feminina na organização comunitária de Buriti do Meio, o que a coloca como protagonista no que respeita as relações internas e externas da comunidade.

É notável a intensa vinculação do grupo de mulheres na prática política dentro da comunidade como também frequentemente deixam seus lares para manter suas apresentações nos eventos Municipais, Regionais e Estaduais. É válido destacar que a articulação da figura feminina no campo político trouxe mudanças significativas no processo contemporâneo, o que desencadeou transformações que afetaram diretamente a organização familiar e principalmente o papel feminino neste espaço.

A partir de atitudes dessas mulheres no seio social evidencia-se que elas se constituem como as principais responsáveis por mudanças significativas na estrutura e na da organização da comunidade. Essas mulheres pioneiras condensam novas negociações e alianças, que são integradas em uma dimensão tradicionalmente masculina por serem estabelecidas sobre relações de gênero.

Na comunidade, pude perceber que através da produção dos artesanatos a distinção de gênero transparece quanto aos papéis atribuídos a homens e a mulheres, neste complexo sistema de relações as tarefas executadas pelos homens requeriam mais força física, mas ao adentrarem nas tarefas eminentemente femininas a diferenciação das categorias se embaralhou. Desde modo, os membros pertencentes à coletividade transitam entre as categorias masculinizantes e feminilizantes, embora o homem tenha que usar múltiplas estratégias que os adequem à nova masculinidade que emergiu quando o artesanato se transformou em um dos principais domínios do sistema de produção local.

Posso afirmar que, o gênero é determinante nas relações instituídas em torno da divisão do trabalho em Buriti do Meio. Observa-se nesta dinâmica uma separação nítida dos papéis sociais entre os gêneros, pois o trabalho executado por mulheres e homens reforça este aspecto. O artesanato, antes coisa de mulher, por ser produzido pelas mãos femininas, tradição que veio passando de geração em geração entre as mulheres. Aos homens cabia a dedicação ao plantio e a colheita da lavoura. Mas desde que o SEBRAE ministrou um curso de formação para aperfeiçoamento do artesanato local, o manuseio do barro passou a ser, também, realizado por homens jovens.

Os homens vêm se inserindo lentamente na construção dos artesanatos, veem mudanças significativas na sua função. A sua ocupação em relação a este trabalho permeia o espaço do preparo do barro e da queima das peças, sendo neste aspecto premissas que incorporam a afirmação de masculinidade.

Assim, dentro da perspectiva de gênero transmitido em nossa sociedade, o homem já possui poder, como discutido por Bourdieu (1995), a figura masculina possui o comando das suas ações sem sofrer qualquer constrangimento, pois a ele é atribuído o domínio de todas as suas decisões e, sobretudo nas suas ações. Deriva daí o seu poder simbólico. Baseado nisso, vejo que as mulheres de Buriti do Meio através da arte do manuseio de barro criam a estratégia do poder feminino em contraposição ao discurso estabelecido no ocidente.

O grupo de mulheres buscou se aprimorar no campo político para angariar benefícios do governo federal para a comunidade. Tenho enxergado nessas mulheres a intensificação na qualificação dos estudos, fator que tem possibilitado a articulação com a sociedade envolvente. Desta forma, o trabalho artesanal além de ser um recurso econômico para a manutenção das famílias, também passou a ser elemento de estratégias de uma cultura própria referenciada, fortemente, nos orixás. É por meio deles que os membros desta coletividade procuram manter vivo o vínculo com a ancestralidade africana. O modelar o barro possui elementos diacrítico de identidades que os diferenciam dos demais grupos circunvizinhos.

Hoje a comunidade tem se beneficiado de políticas públicas após serem reconhecidos como remanescente de quilombos pela Fundação Cultural Palmares. Esse reconhecimento propiciou emergir um novo sujeito de direitos, por meio do acesso à terra vinculada aos ancestrais e de uma identidade negra, especificamente quilombola, que dá sustentação e é mantida pela reprodução dos costumes e dos valores culturais. Do direito coletivo à identidade e ao território, a estratégia de se engajar na luta política para acessar outros domínios da vida por meio de ações que visam a melhoria da infraestrutura da comunidade como também o direito a saúde pública e à educação, dentre outros.

Em Buriti do Meio as mulheres não manuseiam apenas barro, elas constroem a si mesmas, à coletividade e contribuem para dar rosto ainda mais diverso ao sujeito quilombola que emergiu na sociedade brasileira pós 1988. Ao se construírem, elas também constroem seus homens – maridos, irmãos e filhos – com uma outra condição, bastante diferenciada daquela vivida desde o passado. É no presente que elas tomaram assento no centro da produção e reprodução da vida de cada um e de todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Câmara, 1988.

ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica. ED: Fim de Século, 2ª Ed. Lisboa, 1995.

BARTH, Fredrik (ed.). **Ethnic Groups and Boundaries**: The Organization of Culture Difference. Boston: Little, Brown and Company, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. In: _____. Educação e realidade. 1995.

CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. Revista Estudos Feministas, 2000. Disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/16112009-035108caldwell.pdf>>. Acesso em Janeiro de 2013.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. São Paulo: 2001.

DA MATTA, Roberto. Digressão: A fábula das três raças ou problema do racismo à brasileira. IN: Relativizando: Introdução à Antropologia social. ED: Vozes. Petrópolis, 1981.

FERNANDES, Florestan. **O problema do negro na sociedade de classes**. IN: A integração do negro na sociedade de classes. ED: Átina, Vol. 2. São Paulo, 1978.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa-Tipos Fundamentais. IN: **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.III. São Paulo, 1995.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Sebrae: Especialistas em pequenos negócios**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos Acesso em agosto/2014.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Tradução André Villalobos. ED: Unicamp. Campinas, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.22. São Paulo, 2007. Artigo disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092007000100012&script=sci_arttext>. Acesso em Maio de 2011.

WOORTMANN, Ellen F. & WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. ED: Universidade de Brasília. Brasília, 1997.